

INTRODUÇÃO

Em torno dos três meses de vida, o bebê vivencia a fase de dependência absoluta (Winnicott, 1963/1983). Nesta fase, espera-se que o pai atue como mãe substituta – neste papel o importante não é o seu lado masculino, mas a prática da paternidade a partir dos seus elementos maternais – e seja cuidador da díade mãe-bebê. Associado a essas ideias, no presente estudo se investiga a prática da paternidade neste período, com base no Envolvimento Paterno (Lamb et al., 1985). Caracterizado por três dimensões:

- (a) **Interação:** contato direto do pai com seu filho, através do cuidado e atividades compartilhadas.
- (b) **Disponibilidade:** acessibilidade física e psicológica para interação com a criança.
- (c) **Responsabilidade:** papel do pai em garantir cuidado e recursos para a criança. Inclui ansiedade, preocupações e planejamentos do pai.

Objetivos

Investigar a percepção das mães e dos próprios pais sobre o envolvimento paterno no terceiro mês do bebê, com base nas três dimensões propostas por Lamb et. al. (1985).

Método

Participantes

Quatro casais, pais e mães de bebês de três meses de idade. Os critérios de inclusão dos casais foram: idade de 20 a 40 anos, primíparos, morando juntos ou casados, escolaridade de, pelo menos, ensino médio completo, residir na região metropolitana de Porto Alegre. Os participantes selecionados fazem parte do projeto **Estudo Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola** (Piccinini, Tudge, Lopes, & Sperb, 1998).

Delineamentos e procedimentos

- Estudo de caso coletivo (Stake, 1994)
- Entrevistas no local de conveniência do participante

Instrumentos

- Ficha de contato inicial
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Ficha de dados demográficos da família
- Entrevista sobre a experiência da maternidade
- Entrevista sobre a experiência da paternidade

Análise de dados

- Análise qualitativa do conteúdo (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999).
- Categorias baseadas em Lamb et. al (1985).

RESULTADOS

<p>Atividades de cuidado: pai compartilhava atividades de cuidado com a mãe como trocar fraldas e dar banho. Também mostrava-se capaz de acalmar o bebê pequeno. Oferecia à mãe apoio emocional e auxílio nas tarefas.</p>	Interação
<p>Atividades de recreação: aos três meses do bebê, o pai passeava e conversava com o bebê. Brincadeiras ativas ainda não eram prioritárias para o pai.</p>	
<p>Quantidade de tempo com o bebê: as expectativas de envolvimento do pai e da mãe quanto ao envolvimento do pai não se cumpriam pelo pouco tempo que o pai dispunha devido à carga horária de trabalho.</p>	Acessibilidade
<p>Avaliação do tempo com o bebê: pais gostariam de estar mais tempo com o bebê e as mães relataram que se sentiam sozinhas.</p>	
<p>Participação nas decisões sobre o bebê: pai e mãe decidiam juntos os assuntos relacionados ao bebê, mas a mãe ainda era a principal executora das decisões.</p>	Responsabilidade
<p>Mãe como principal responsável: pai também assumia os cuidados, mas comumente como auxiliar da mãe.</p>	
<p>Aumento das responsabilidades: a responsabilidade financeira pela família foi muito salientada pelos pais, enquanto as mães não fizeram referência a este aspecto.</p>	
<p>Preocupações com o bebê: os pais relataram sua preocupação com o desenvolvimento emocional do bebê, enquanto as mães relataram que eles preocupavam-se com o bem-estar do filho e com o da própria mãe.</p>	

Discussão

Os resultados sugerem que aos três meses do bebê as funções paternas de cuidado ao filho e à díade mãe-bebê têm sido cumpridas pelo pai e reconhecidas pelo casal (Winnicott, 1963/1983), embora o pai não se sinta, muitas vezes, tão competente quanto a mãe para o cuidado do bebê (Monteiro et al., 2008; Sutter & Bucher-Malischke, 2008). Quanto a dimensão de **Interação**, esta era baseada em cuidados tradicionalmente assumidos por mães e em brincadeiras suaves, adequadas ao tamanho bebê. Percebe-se que nos primeiros meses as brincadeiras não eram preponderantes ao cuidar, ao contrário do indicado pela literatura (Krob, Piccinini & Silva 2009; Parke, 1996). Nesse momento, a expectativa materna é de que os pais atuem como apoio psicológico e companhia em casa (Dessen & Braz, 2000; Winnicott, 1963/1983). Quanto a dimensão **Disponibilidade**, a menor participação do pai na rotina da casa foi associada a sua falta de tempo em virtude de trabalhar o dia todo, o que apoia outros achados (Krob, Piccinini & Silva 2009); embora os pais gostariam de passar mais tempo com o bebê (Prado, Piavanotti, & Vieira, 2007). As mães se mostravam satisfeitas com o apoio recebido dos pais dos bebês, mas na disponibilidade do pai é onde se encontra a maior disparidade. Com relação à dimensão **Responsabilidade** os pais associaram a responsabilidade tanto à preocupação com o bem-estar dos filhos, no sentido de lhes garantir a subsistência e proteção (Freitas et al., 2009), como apoio emocional e sustento financeiro da família. Esta última é, segundo os pais do presente estudo, a sua principal responsabilidade como salientado também na literatura (Andreani, 2006; Atkinson, 1987). Os resultados apoiam achados da literatura que revelam expectativas dos pais estarem mais disponíveis para participar dos cuidados do filho, mas muitas vezes impossibilitado de atender as demandas do bebê e da esposa em função da sobrecarga de trabalho.

Referências

- Andreani, G. (2006). Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado Não publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Atkinson, A. M. (1987). Fathers' participation and evaluation of a family day care. *Family Relations*, 36(1), 146-151.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., Lucena, K.D.T. de & Costa, A. M. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação do segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(26), 395-409.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge: Harvard University Press.
- Prado, A. B., Piavanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 41-50.
- Stake, R. E. (1994). *Identification of the case*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Sutter, C., & Bucher-Malischke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.
- Winnicott, D. W. (1963/1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. Original publicado em 1963.